

ARTE, LITERATURA E SEUS AGENTES

>> Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

O Fisco

— O pão subiu, sabe?

O homem, sem murmurar palavra, sentou-se à mesa, apoiando nas mãos a cabeça. Cansado. [...] A vida era um jogo de engrenagens e aço entre cujos dentes ele se sentia esmagado. Inútil, resistir... Destino...

Na cama, à noite, confabularam. A mesma conversa de sempre. Ele acabava grunhindo rugidos surdos de revolta.

Falava em revolução, saque. A esposa consolava-o, de esperança posta nos filhos.

— Pedrinho tem nove anos. Logo estará em ponto de ajudar-nos. Um pouco mais de paciência e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referência a sua futura ação. Entrou a sonhar. [...]

Sonho vai, sonho vem, brota na cabeça do menino uma ideia, que cresceu, tomou vulto extraordinário e fê-lo perder o sono. Começar já, amanhã, por que não? Faria ele mesmo a caixa; escovas e graxa, com o tio arranjaría. Tudo às ocultas, para surpresa dos pais! Iria postar-se num ponto onde passasse muita gente. Diria como os outros: "Engraxa, freguês!" e níqueis haviam de juntar-se no seu bolso. Voltaria para casa recheado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe começasse a ralhar, ele lhe taparia a boca despejando na mesa o monte de dinheiro. O espanto dela, a cara admirada do pai, o regalo da criança com a perspectiva de razão em dobro!. E a mãe a apontá-lo aos vizinhos: "Estão vendo que coisa! Ganhou, só ontem, primeiro dia, dois mil-réis!" E a notícia a correr... E murmúrios na rua quando o vissem passar: "É aquele!"

Pedrinho não dormiu essa noite. De manhãzinha já estava a dispor as madeiras dum caixote velho sob a forma de caixa de engraxate ao molde clássico. Lá a fez. Os pregos, bateu com o salto de uma velha botina. As tábuas, serrou pacientemente com um facão dentado. Saiu coisa tosca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina, e pequena demais — sobre ela só caberia um pé de criança igual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho de carpintaria lhe pareceu mais perfeito.

[...] Foi à casa do tio e lá obteve duas velhas escovas fora de uso, já sem pelos, mas que à sua exaltada imaginação se afiguraram ótimas. Graxa, conseguiu alguma raspando o fundo de quanta lata velha encontrou no quintal.

Aquele momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade vitoriosa. Era como um sonho — e sonhando saiu para a rua. [...]

Chegou ao parque. Tão bonito aquilo — a relva tão verde, tosadinha... Havia de ser bom o ponto. Parou perto de um banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, pôs-se a murmurar para cada passante, fisingando-lhe os pés: "Engraxa, freguês!"

Os fregueses passavam sem lhe dar atenção. "É assim mesmo", refletia consigo o menino, "no começo custa. Depois se afreguesam".

Súbito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza — e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Encarou o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas em vez de lhe espichar o pé, o homem rosnou aquela terrível interpelação inicial:

— Então, cachorrinho, que é da licença?

[...]

Horas depois o fiscal aparecia em casa de Pedrinho com o pequeno pelo braço. Bateu. O pai estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem nesses momentos não aparecia, para evitar explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-boca.

O fiscal exigia o pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepelou-se. Por fim, rompeu em choro.

— Não venha com lamúrias, rosnou o buldogue; conheço o truque dessa aguinha nos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os vinte mil-réis, ou penhoro toda esta cacaria. Exercer ilegalmente a profissão! Ora, dá-se! E olhe cá, madama, considere-se feliz de serem só vinte. Eu é de dó de vocês, uns miseráveis; senão, aplicava o máximo. Mas se resiste dobro a dose!

A mulher limpou as lágrimas. Seus olhos endureceram, com uma chispa má de ódio represado a faiscar. O Fisco, percebendo-o, motejou:

— Isso. É assim que as quero — tesinhas, ah, ah.

Mariana nada mais disse. Foi à arca, reuniu o dinheiro existente — dezoito mil-réis ratinhados havia meses, aos vinténs, para o caso dalguma doença, e entregou-os ao Fisco.

— É o que há, murmurou com tremura na voz.

O homem pegou o dinheiro e gostosamente o afundou no bolso, dizendo:

— Sou generoso, perdoo o resto. Adeusinho, amor!

E foi à venda próxima beber dezoito mil-réis de cerveja!

Enquanto isso, no fundo do quintal, o pai batia furiosamente no menino.

LOBATO, Monteiro. Organização e introdução: Marisa Lajolo. *Contos escolhidos*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Fragmento).

1. O conto de Lobato apresenta uma triste realidade de muitas famílias pobres brasileiras.
 - ▶ Qual é o tipo de dificuldade que enfrenta a família de Pedrinho?
 - ▶ De que forma a criança resolve ajudar seus pais e como as pessoas reagem à sua volta, no parque, quando ele chega para trabalhar?

2. No final do texto, após muito relutar, a mãe de Pedrinho paga a multa que o fiscal cobra pela atitude “fora da lei” do garoto. O que o fiscal faz com o dinheiro assim que sai da casa da pobre família?

>> Agora leia o trecho de uma reportagem de jornal.

Diniz quebrou a lei siciliana

O comerciante que trabalha como a lei manda paga impostos suecos (45% num quilo de arroz ou 71% em cima de um filtro solar) e enfrenta um mercado africano (70% da carne fresca passa ao largo do fisco). Presidindo essa anarquia, o governo prefere morder mais dos que lhe pagam a ir buscar os que lhe devem. A maior parte da sonegação vem da venda sem notas, mas há um pedaço da maracutaia que passa por indústrias e lojas de algum renome.

GASPARI, Elio. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 dez. 2003.

3. Com base no texto lido, responda às questões.
- ▶ Qual é o tema central abordado pelo texto de Elio Gaspari?
 - ▶ Há alguma relação com o enredo do conto “O Fisco” de Monteiro Lobato? Explique.
4. Como podemos perceber, os dois textos tratam de um mesmo tema. Eles, embora distantes no tempo cerca de 60 anos, demonstram que a realidade dos pobres e do abuso das autoridades não mudou muito em várias décadas. Quando o texto literário aproxima-se do jornalístico pelas denúncias que faz, são os aspectos formais, ou seja, a maneira como são construídos os fatos, que definem o tipo de texto a que cada um dos trechos pertence.
- ▶ Qual a diferença entre o texto jornalístico e o ficcional neste caso? Como podemos dizer que o texto de Lobato é uma ficção e não uma crítica de jornal?

>> Leia atentamente os dois textos a seguir para responder às questões 5 e 6.

Texto 1

[...] a espinha dorsal da reforma [de Pereira Passos] e seu principal cartão-postal foi a abertura da Avenida Central. A nova ordem econômica impunha novas necessidades, sendo prioritária a construção de um espaço-símbolo que erradicasse a imagem da cidade colonial velha e pestilenta. Foi realizada então uma verdadeira “cirurgia urbana”, que resultou na demolição de cerca de 2.500 imóveis ocupados por casas de cômodos e cortiços para dar lugar aos mais belos edifícios da arquitetura eclética. A Praça Mauá fazia a ligação com o porto, enquanto que na sua extremidade, voltada para a zona sul, situou-se o imponente conjunto arquitetônico composto pelo Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Escola Nacional de Belas Artes e Palácio Monroe. Supostamente, a cidade do Rio de Janeiro era elevada à altura de sua rival Buenos Aires.

Disponível em: < http://www.rio.org.br/riomemoria/00_20/reforma/primeira.html > .
Acesso em: 15 dez. 2003. (Fragmento adaptado).

Texto 2

Estávamos fatigados da nossa mediania, do nosso relaxamento; a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava nos e enchia nos de loucos desejos de igualá-la. Havia nisso uma grande questão de amor próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e a nossa civilização. Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente. Era como se um literato tivesse inveja dos carros e dos cavalos de um banqueiro. [...] "A Argentina não nos devia vencer; o Rio de Janeiro não podia continuar a ser uma estação de carvão, enquanto Buenos Aires era uma verdadeira capital europeia. Como é que não tínhamos largas avenidas, passeios de carruagens, hotéis de casaca, clubes de jogo?"

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995. (Fragmento).

Pereira Passos: prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906.

Estulto: insensato, estúpido.

Catita: bonita, elegante.

5. Como podemos perceber pela leitura dos dois textos, ambos referem-se a um mesmo acontecimento ocorrido na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.
 - ▶ Que acontecimento é este?
 - ▶ O primeiro texto aponta várias razões que trouxeram a necessidade da reforma. No final, porém, o texto faz referência a um último fato que também teria sido essencial no desencadeamento da reforma e é exatamente nele que se concentra o texto de Lima Barreto. Que fato é esse?

6. Os dois textos apresentam características diferentes quanto ao modo de abordar o assunto da reforma urbanística do Rio de Janeiro. O primeiro, retirado do *site* oficial daquela cidade, é mais informativo, enquanto o segundo trecho, de um romance de Lima Barreto, nos parece mais subjetivo por apresentar, além da informação, uma visão mais pessoal do autor acerca dos fatos.
 - ▶ Identifique, no segundo texto, os momentos em que o autor demonstra sua opinião a respeito da reforma e suas motivações.
 - ▶ Explique quais seriam as características que demonstram o fato de que o primeiro texto é informativo e, portanto, não literário em comparação ao trecho do romance.

>> Leia o texto a seguir para responder às questões.

Foi neste instante que [...] [Calisto] sentiu no lado esquerdo do peito, entre a quarta e a quinta costela, um calor de ventosa, acompanhado de vibrações elétricas, e vaporações cálidas, que lhe passaram à espinha dorsal, e daqui ao cérebro, e pouco depois a toda a cabeça, purpureando-lhe as maçãs de ambas as faces com o rubor mais virginal.

[...] Duas enfermidades há aí cujos sintomas não descobrem as pessoas inexpertas; uma é o amor, a outra é a tênia. Os sintomas do amor, em muitos indivíduos enfermos, confundem-se com os sintomas do idiotismo. É mister muito acume de vista longa e prática para discriminá-los.

CASTELO BRANCO, Camilo. *A queda dum anjo*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. (Fragmento).

Vaporações: transpirações.
Acume: perspicácia, vivacidade.

7. As sensações experimentadas pela personagem referem-se a um sentimento bastante presente nas obras literárias: o amor. No entanto, o autor faz uma descrição um pouco diferente deste sentimento, de modo a aproximá-lo de uma doença.
- ▶ Qual parasita, segundo Camilo Castelo Branco, traria, para o ser humano, os mesmos efeitos que a paixão?
 - ▶ No momento em que se apaixona, Calisto sofre uma série de sensações físicas. Descreva-as e diga se esta é uma maneira convencional de se caracterizar uma pessoa apaixonada.

>> Agora leia o seguinte trecho de um poema de Gonçalves Dias.

Se se morre de amor

[...]
 Amor é vida; é ter constantemente
 Alma, sentidos, coração – abertos
 Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,
 D'altas virtudes, té capaz de crimes!
 Compr'ender o infinito, a imensidade,
 E a natureza e Deus; gostar dos campos,
 D'aves, flores, murmúrios solitários;
 Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
 E ter o coração em riso e festa;
 E à branda festa, ao riso da nossa alma
 Fontes de pranto intercalar sem custo
 Conhecer o prazer e a desventura
 No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
 O ditoso, o misérrimo dos entes;
 Isso é amor, e desse amor se morre!
 [...]

DIAS, Gonçalves. In: BANDEIRA, Manuel (Org.). *Poesia da fase romântica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Ditoso: feliz.

8. O texto de Gonçalves Dias, em comparação com o de Camilo Castelo Branco, apresenta outra visão sobre o amor.
- ▶ Que tipo de sensações o amor provoca, segundo Gonçalves Dias em seu poema?
 - ▶ Comparando os dois textos, podemos dizer que é possível descrever um sentimento de formas variadas, de modo a produzir significados e sensações diversas?

» Leia o texto a seguir, extraído do romance *Lucíola*, de José de Alencar para responder às questões de 9 a 11.

A lua vinha assomando pelo cimo das montanhas fronteiras; descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas esgarçadas sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia e não sei que laivos de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição. [...]

— Quem é essa senhora? perguntei a Sá.

A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

— Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?...

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido, ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. (Fragmento).

Bonomia: qualidade de quem é bom, simples, crédulo.
 Fatuidade: algo que é passageiro, fugaz.
 Laivos: vestígios, indícios, traços.
 Profano (no contexto específico): leigo, não instruído.
 Recato: modéstia, simplicidade.
 Ressumbrar: deixava transparecer, revelava.

9. O romance *Lucíola* foi escrito em meados do século XIX. No trecho transcrito, o narrador Paulo observa uma bela moça, Lúcia.

- ▶ Que características da moça são notadas por Paulo?
- ▶ A resposta de Sá à pergunta de Paulo faz com que este perceba a “verdade” sobre a jovem: ela não é uma senhora, e sim uma mulher bonita. O que essa resposta dá a entender sobre a jovem?

10. Um dos interesses no estudo da literatura é a possibilidade de termos acesso a costumes e conceitos morais de épocas passadas. Na parte final do trecho, vemos que o narrador aponta um padrão de comportamento esperado das mulheres no século XIX, e que não corresponde à realidade dos dias de hoje. Que padrão é esse?

11. Quando lemos um texto literário, devemos observar que as palavras utilizadas em obras mais antigas podem apresentar sentidos diferentes dos que conhecemos atualmente. É o que ocorre com a palavra “senhora” no trecho do romance.

- ▶ Qual é o sentido da palavra “senhora” hoje?
- ▶ Qual é o sentido da mesma palavra no trecho lido?

» Leia o texto a seguir para responder às questões 12 e 13.

Envolta num roupão branco, os cabelos longos recém-pintados de loiro e pronta para exibir o corpo de sereia numa pose sexy no estúdio fotográfico, Flávia Alessandra poderia perfeitamente se encaixar no estereótipo das estrelas inatingíveis. Afinal, além de linda, aos 26 anos ela ocupa o posto de protagonista da atual novela das 8 da Rede Globo, Porto dos Milagres (que tem seu marido, Marcos Paulo, como diretor principal). Só que, ao começar a falar sobre si mesma, a moça deixa claro que tem os pés bem fincados no chão e não está disposta a cumprir o enjoado papel das divas. [...]

Flávia fala carinhosamente sobre a pequena Giulia, de apenas um ano, fruto de sua união com Marcos Paulo, que já dura nove anos. O casamento foi oficializado em 1997, numa cerimônia tradicional, com direito a muitos convidados e um belíssimo vestido de noiva. A subida ao altar foi, acima de tudo, uma concessão. “Eu acredito que o amor verdadeiro independe de igreja ou cartório. Mas esse era o sonho de nossas famílias e, por isso, valeu a pena.”

Nova. São Paulo: Abril, abr. 2001. (Fragmento).

12. Esse texto e o de José de Alencar, lido anteriormente, apresentam figuras femininas. Compare os dois textos para responder ao que se pede.

- ▶ Quais são as semelhanças e as diferenças na caracterização das duas mulheres?
- ▶ A imagem de mulher apresentada na reportagem, se comparada à do texto de Alencar, permite identificar uma mudança nos padrões morais e de comportamento esperados da mulher. Que mudança é essa?

13. Ainda com base nos dois textos, responda às questões.

- ▶ Existem diferenças de linguagem entre os dois textos. Qual pode ser a explicação para essas diferenças?
- ▶ Em qual dos textos é importante saber se a personagem descrita existe de fato? Por quê?

» Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

A Carta de Pero Vaz de Caminha

E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da

dita Ilha — segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas — os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos.

Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!

[...]

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.

Então lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte.

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

CASTRO, Silvio. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996. (Fragmento).

14. O texto acima é um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha.

- ▶ A quem se dirige o escrivão?
- ▶ O que ele relata nesse trecho?

15. O texto de Caminha é considerado, hoje, a “certidão de nascimento” da literatura brasileira.

- ▶ No momento em que foi escrito, esse texto não apresentava uma função artística. Justifique essa afirmação.
- ▶ Levando em conta que a carta, hoje, é considerada um texto artístico, formule uma hipótese que explique por que um texto pode tornar-se (ou deixar de ser) literário.

>> Leia o soneto a seguir para responder às questões 16 e 17.

Cara minha inimiga, em cuja mão
 pôs meus contentamentos a ventura,
 Faltou-te a ti na terra sepultura,
 porque me falte a mim consolação.

Eternamente as águas lograrão
 a tua peregrina fermosura;
 mas, enquanto me a mim a vida dura,
 sempre viva em minh'alma te acharão.

E se meus rudos versos podem tanto
 que possam prometer-te longa história
 daquele amor tão puro e verdadeiro,
 celebrada serás sempre em meu canto;
 porque enquanto no mundo houver memória,
 será minha escritura teu letreiro.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

16. Sobre o poema, responda.

- ▶ A quem o eu lírico se dirige no soneto?
- ▶ De acordo com o texto, o que provavelmente aconteceu com esse interlocutor?

17. Camões possui uma biografia bastante obscura. No entanto, dentre os episódios que se relatam sobre sua vida está um naufrágio, ocorrido na foz do rio Mecong, no Oriente. Do naufrágio, Camões conseguiu salvar o manuscrito de *Os lusíadas*, mas perdeu sua amada, a chinesa Dinamene, sobre quem escreveu, posteriormente, vários sonetos muito conhecidos.

- Releia o poema para responder.
- ▶ As informações biográficas são necessárias para a compreensão do poema, ou apenas ajudam a complementá-la?
- ▶ Qual seria a função do poema, sugerida nas duas últimas estrofes?
- ▶ Considerando-se que o poema foi escrito no século XVI e baseou-se em um possível fato da vida de Camões, o que faz com que, hoje, possamos ler esse soneto e apreciá-lo?